

HISTÓRIAS
EXTRAORDINÁRIAS
EDGAR ALLAN
POE

A Máscara da Morte Vermelha
O Coração Revelador
O Gato Preto
O Retrato Oval

Ilustrações de
Poly Bernatene



Histórias Extraordinárias
EDGAR ALLAN

Ilustrações de **Poly Bernatene**



Sumário

[A Máscara da Morte Vermelha](#)

[O Coração Revelador](#)

[O Gato Preto](#)

[O Retrato Oval](#)

[Sobre o autor](#)

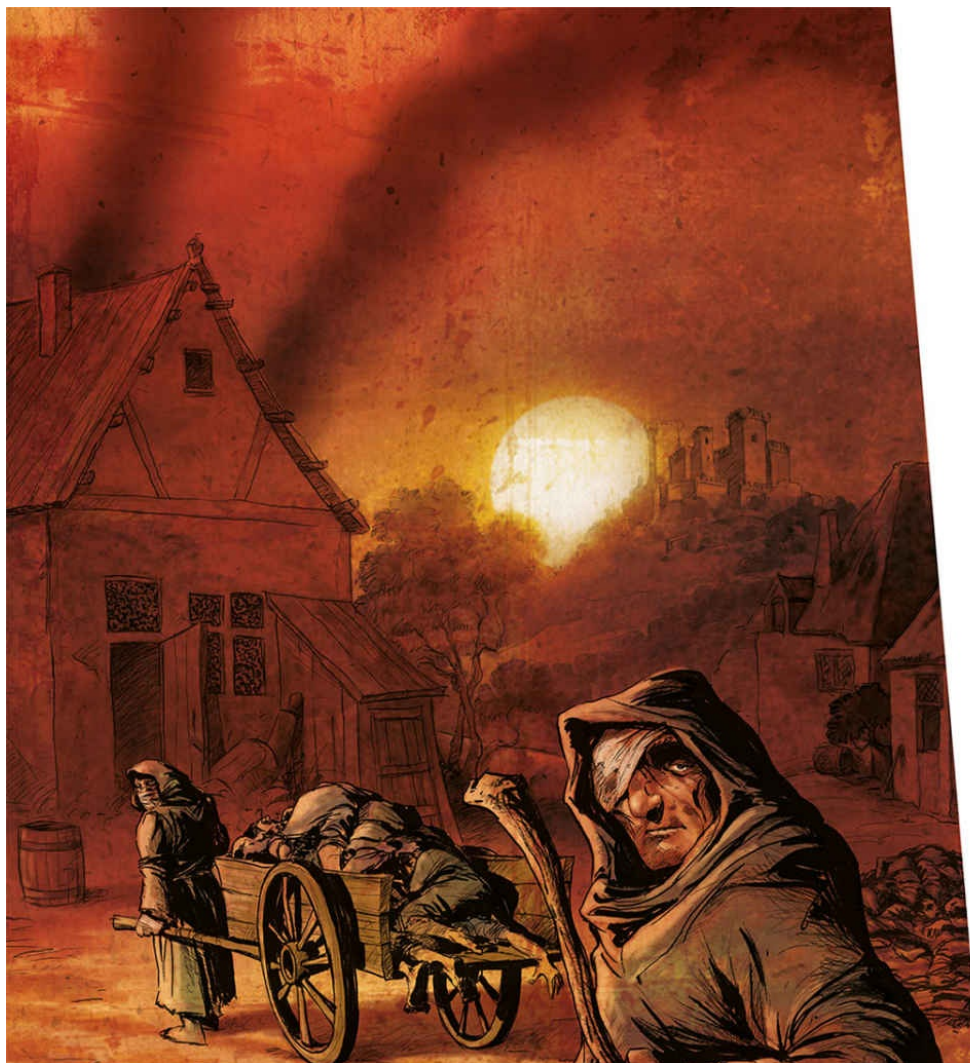
[Sobre o ilustrador](#)

[Créditos](#)



A Mascára da Morte Vermelha





A “Morte Vermelha” havia muito devastava o país. Nenhuma praga jamais fora tão fatal ou horrenda. Ela se manifestava pelo sangue, e este era sua marca – o vermelho e o terror do sangue. Vinham dores agudas, tontura repentina e sangramento abundante pelos poros, seguido de liquefação do organismo. As manchas escarlates no corpo e, principalmente, no rosto eram a maldição que isolava a vítima da ajuda e da compaixão de seus semelhantes. Em geral, a contaminação, o progresso da doença e a morte ocorriam em meia hora.

Mas o príncipe Próspero era feliz, destemido e sagaz. Quando a população dos seus domínios já tinha sido reduzida à metade, ele convocou à sua presença mil amigos sadios e alegres, dentre os cavaleiros e damas de sua corte, e com eles se retirou para a reclusão de um de seus palácios encastelados. O lugar possuía uma estrutura extensa e magnífica, criação de um príncipe com gosto

excêntrico, porém majestoso. Muralhas fortes e elevadas protegiam o castelo. O acesso era através de portões de ferro. Os cortesãos, após entrar, soldaram as trancas dos portões com a ajuda de fornalhas e malhos. Tinham decidido não deixar meios de ingresso ou fuga, no caso de surgirem lá dentro impulsos desesperados. A fortaleza fora amplamente abastecida. Com tais precauções, os cortesãos esperavam evitar o contágio. Que o mundo exterior cuidasse de si mesmo. Enquanto isso, era bobagem se preocupar ou até mesmo pensar no assunto. O príncipe providenciara todas as formas de diversão. Havia bufões, atores, dançarinas, músicos, belas mulheres e vinho. Tudo isso, mais segurança, dentro da fortaleza. Fora, a Morte Vermelha.

Ao final do quinto ou sexto mês de retiro, enquanto a peste assolava furiosamente o mundo exterior, o príncipe Próspero resolveu divertir seus mil amigos com um baile de máscaras de suntuosidade invulgar.

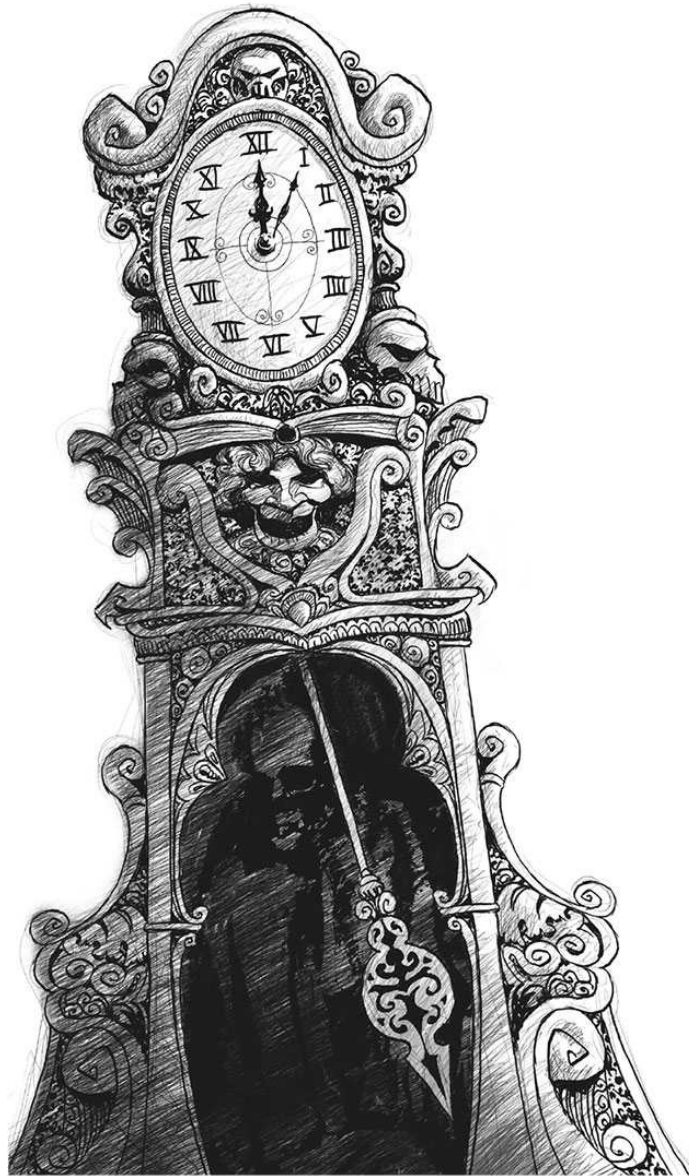
Aquele baile foi um acontecimento exuberante. Mas, primeiro, deixe-me falar sobre as dependências em que ele ocorreu. Eram sete salas, que formavam uma suíte imperial. Em muitos palácios, quando as portas dobradiças entre as salas são abertas, tais suítes formam um único salão comprido. Assim, a vista de toda a extensão do salão é praticamente desimpedida. Ali, o caso era muito diferente, como se poderia esperar, dado o gosto do príncipe pelo bizarro. As salas eram dispostas de forma tão irregular que a vista alcançava pouco mais do que uma de cada vez. Havia uma volta a cada vinte ou trinta metros, e cada uma delas produzia um efeito novo. À direita e à esquerda de cada parede, bem no meio, havia uma janela gótica, alta e estreita, dando para um corredor fechado que acompanhava a sinuosidade da suíte. Essas janelas eram feitas de vidro tingido, cuja cor variava de acordo com a nuance dominante na câmara para onde se abria. A da extremidade na parte leste, por exemplo, era azul – e azuis brilhantes eram suas janelas. Uma outra câmara ostentava decorações e tapeçarias na cor púrpura, e ali os vidros eram purpúreos. A terceira sala era totalmente verde, assim como as janelas. A quarta era decorada e iluminada em laranja, a quinta em branco e a sexta em violeta. A sétima câmara era totalmente recoberta por tapeçarias de veludo negro, que pendiam do teto, cobriam as paredes e caíam em grandes dobras sobre o carpete de material e tonalidade idênticos. Mas, ao contrário dos outros aposentos, nesse a cor das janelas não correspondia à decoração. Seus vidros eram de cor escarlate – uma tonalidade escura de sangue. Não havia luminárias ou velas emanando nenhum tipo de luz dentro dessas câmaras. Entretanto, nos corredores que acompanhavam a suíte ficavam, sobre tripés, atrás de cada janela, braseiros com fogo, projetando seus

raios através do vidro tingido e assim iluminando brilhantemente as salas. Isso produzia uma quantidade de efeitos visuais fantásticos e grandiosos. Assim, na câmara da parte oeste, a negra, o efeito da luz do fogo através dos vidros cor de sangue era por demais assustador, produzindo uma visão tão desvairada das feições de quem entrava ali que poucos ousavam pôr os pés naquele recinto.



Era nessa sala, também, que ficava um gigantesco relógio de ébano, apoiado na parede do lado oeste. Seu pêndulo balançava de um lado para o outro com uma batida monótona, pesada, melancólica; e, quando o ponteiro dos minutos completava a volta, e uma hora cheia seria anunciada, vinha, dos pulmões de

bronze do relógio, um som que era claro, alto, profundo e extremamente musical, mas de uma nota tão particular que, a cada hora, os músicos da orquestra eram compelidos a parar de tocar, momentaneamente, para escutar esse som. Assim, os valsistas eram forçados a cessar suas evoluções, o que provocava um breve desconcerto na alegria de todos. E, enquanto os sinos do relógio badalavam, os mais divertidos empalideciam, e os mais velhos e serenos passavam a mão pela testa, como se estivessem num sonho confuso. Mas, quando os ecos cessavam por completo, uma gargalhada leve permeava os convivas; os músicos se entreolhavam e riam, como que de seu próprio nervosismo, ao mesmo tempo que prometiam, uns aos outros, não se perturbar tanto quando da próxima badalada. Então, após o lapso de sessenta minutos (que abrangem três mil e seiscentos segundos do Tempo, que voa), vinham uma nova badalada do relógio e os mesmos tremores, desconcerto e introspecção de antes.



Apesar de tudo isso, aquela era uma festa alegre e magnífica. O gosto do príncipe era peculiar. Ele possuía um bom olho para cores e efeitos e ignorava os ditames da moda. Suas ideias eram ousadas e ardentes, e seus projetos cintilavam com um brilho bárbaro. Algumas pessoas o julgavam louco. Seus seguidores achavam que não. Era necessário ouvi-lo, vê-lo e tocá-lo para ter *certeza* de que ele não era demente.

Ele mesmo havia supervisionado, em grande parte, a decoração das sete salas por ocasião dessa festa grandiosa. Foi seu gosto pessoal que, também, orientou a criação das fantasias de seus convidados. Por certo que eram grotescas. Havia muito brilho e ostentação, malícia e ilusão – muito disso foi

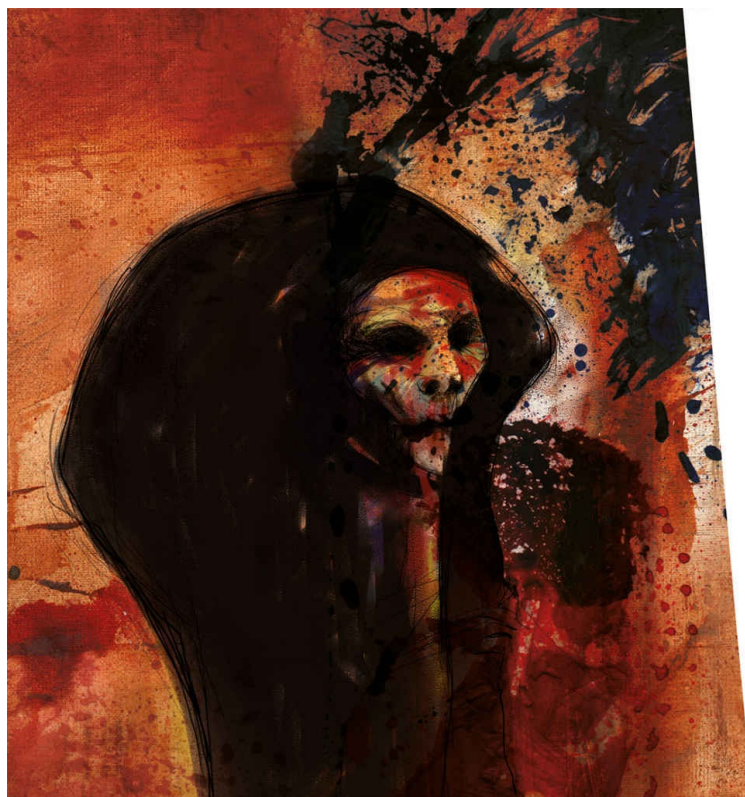
visto, desde então, nas encenações de *Hernani*^[1]. Havia figuras arabescas com enfeites e adornos inadequados. Havia fantasias delirantes, como as de um louco. Havia algo de belo, algo de devasso, algo de bizarro; um pouco de terrível, mas nada que provocasse aversão. Pelas sete câmaras desfilavam, de fato, uma multidão de sonhos. E estes – os sonhos – desfiguravam-se em seu caminho, com os matizes das salas, fazendo a música desregrada da orquestra parecer o eco de seus passos. E, na hora certa, faz-se presente o relógio de ébano, que fica no salão de veludo. Então, por um instante, tudo para, tudo é silêncio, salvo a voz do relógio. Os sonhos parecem congelados. Mas os ecos das badaladas somem na noite – eles duraram apenas um instante – e uma risada leve, contida, os segue em sua saída. E novamente a música cresce, os sonhos vivem e se contorcem mais alegremente que nunca, assumindo os matizes das muitas janelas coloridas que filtram os raios de luz vindos dos tripés. No entanto, nenhum dos mascarados se aventura na sala localizada mais a oeste das sete, pois a noite está minguando, e lá flui uma luz cada vez mais rubra através dos painéis cor de sangue. O negro das cortinas de veludo assusta; e, para aquele cujo pé pousa sobre o tapete escuro, vem do relógio de ébano próximo um som abafado que é mais empático do que os outros sons que chegam aos ouvidos daqueles que se abandonam aos divertimentos remotos das outras salas.



Mas esses outros aposentos estavam apinhados de convivas, e neles batia febrilmente o coração da vida. E o festim continuou em seu turbilhão, até que o relógio começou a anunciar a meia-noite. Então a música cessou, como já falei; e as evoluções dos valsistas pararam. Houve a interrupção desconfortável de todas as atividades, como antes. Mas agora seriam doze as badaladas a ser soadas pelo relógio... E assim aconteceu. Talvez a reflexão tenha se infiltrado, com mais tempo, na mente de alguns dos que festejavam. Talvez tenha sido assim também que, antes que os últimos ecos da última badalada se afundassem totalmente no silêncio, muitos indivíduos, na multidão, perceberam a presença de uma figura mascarada que não tinha chamado a atenção de ninguém até o momento. E, tendo a notícia dessa nova presença se espalhado pelos aposentos, provocou entre os convivas um rumor, um burburinho, expressando desaprovação e surpresa – e depois, finalmente, medo, horror e repulsa.



Em tal assembleia de quimeras que retratei, era de supor que nenhuma aparência pudesse provocar tal sensação. Na verdade, a permissão para fantasias naquela noite era praticamente irrestrita; mas a figura em questão tinha surpreendido o mau gosto, ultrapassando até mesmo os limites da permissividade do príncipe. Existem acordes, no coração dos mais ousados, que não podem ser atingidos sem emoção. Mesmo para aqueles completamente perdidos, para quem vida e morte são gracejos, há questões das quais não se pode zombar. Todos os presentes, de fato, pareciam concordar que na fantasia e na atitude do estranho não havia graça nem decoro. A figura, alta e magra, estava envolta dos pés à cabeça em uma mortalha. A máscara que escondia o rosto era tão perfeita na imitação das feições de um cadáver que uma análise cuidadosa teria dificuldade para perceber a ilusão. Ainda assim, tudo isso poderia ter sido suportado, senão aprovado, pelos convivas ensandecidos. Mas o mascarado tinha ido ao limite de simbolizar a Morte Vermelha. Suas vestes estavam manchadas de *sangue* – e sua fronte larga, assim como a face, borrifada com o horror escarlate.



Quando os olhos do príncipe Próspero deram com essa imagem espectral (que, com movimentos lentos e solenes, como se para sustentar seu papel, caminhava entre os valsistas), ele se convulsionou, num primeiro momento, com um forte tremor de horror ou desgosto e, em seguida, sua fronte ficou rubra de raiva.

– Quem ousa – ele indagou asperamente aos cortesãos próximos –, quem ousa nos insultar com essa zombaria blasfema? Agarrem-no e tirem sua máscara, para que saibamos quem vamos enforcar, ao amanhecer, nas muralhas!

Foi na câmara da parte leste, a azul, que o príncipe Próspero proferiu essas palavras. Elas ecoaram alto e bom som pelas sete salas, pois o príncipe era um homem destemido e robusto, e a música tinha cessado com um aceno de sua mão.

Era na sala azul que o príncipe estava, com um grupo de cortesãos pálidos a seu lado. Primeiro, quando ele falou, houve um breve movimento desse grupo na direção do intruso, que, naquele momento, estava ao alcance e, com passos deliberados e lentos, aproximou-se do príncipe. Mas, devido a um espanto indefinido que a arrogância insensata do mascarado provocara em todos, ninguém ousou se adiantar e detê-lo. Assim, desimpedido, ele passou a menos de

um metro do príncipe e, enquanto a multidão se encolhia junto às paredes das salas, o estranho seguia seu caminho sem obstáculos, com o mesmo passo solene e medido que o tinha destacado em princípio. E assim foi da sala azul para a púrpura, da púrpura para a verde, da verde para a laranja, desta para a branca, e dali para a violeta, sem que nenhuma iniciativa para detê-lo fosse tomada. Foi então que o príncipe Próspero, enlouquecido de raiva por sua própria e momentânea covardia, correu apressadamente ao longo das seis câmaras, sem que ninguém o seguisse, em decorrência do terror mortal que de todos se apossara. Ele conduzia, erguida, uma adaga e tinha chegado, rápida e impetuosamente, a três ou quatro passos da figura, quando esta, tendo chegado à extremidade do aposento de veludo, voltou-se repentinamente e confrontou seu perseguidor. Um grito agudo, e a adaga caiu, reluzente, sobre o carpete, no qual logo depois tombou, prostrado sem vida, o príncipe Próspero. Então, impelidos pela coragem insensata do desespero, vários convivas correram até a sala negra e, agarrando o mascarado, cuja grande figura permanecia ereta e imóvel à sombra do relógio de ébano, emudeceram de horror diante das vestes fúnebres e da máscara cadavérica, que manusearam com violenta grosseria, ao constatar que não estavam ocupadas por nenhuma forma tangível.



E assim foi percebida a presença da Morte Vermelha. Ela havia chegado como um ladrão na noite. E, um por um, caíram os convivas no chão, umedecido de sangue, em que festejavam. E morreram todos na posição desesperada em que tombaram. E a vida do relógio de ébano se esgotou junto com a do último convidado. E as chamas dos braseiros expiraram. E a Escuridão e a Ruína e a Morte Vermelha estenderam seus domínios infinitos sobre todos.



O Coração Revelador





Verdade! Nervoso

– muito, muito, espantosamente nervoso eu estava e estou; mas por que você acha que estou louco? A doença aguçou meus sentidos – não os destruiu nem os embotou. Mais do que qualquer outro, eu tinha o sentido da audição muito aguçado. Ouvia tudo nos céus e na terra. Ouvi muitas coisas no inferno. Como então estou louco? Ouça com atenção! E observe de que maneira saudável – com quanta calma – consigo lhe contar toda a história.

Impossível dizer em que momento a ideia invadiu minha mente; mas, tão logo foi concebida, obcecou-me noite e dia! Não havia objeto. Não havia paixão. Eu gostava do velho. Ele nunca me fez mal. Nunca me ofendeu. Eu não desejava seu ouro. Acho que foi seu olho! Sim, foi isso! Um de seus olhos parecia-se com o de um abutre – azul-claro, com uma película sobre ele. Sempre que esse olho me fixava, meu sangue gelava; então, aos poucos – bem gradualmente –, resolvi tirar a vida do velho e assim me livrar do olho para sempre.

É essa a questão. Você me julga louco. Os loucos nada sabem. Mas você precisava me ver. Precisava ver como procedi com sensatez – com que cuidado,

com que previdência, com que dissimulação comecei a trabalhar! Eu nunca tinha sido tão gentil com o velho como durante toda a semana anterior ao dia em que o matei. E todas as noites, por volta da meia-noite, girava a maçaneta de sua porta e a abria – ah, tão delicadamente! E então, depois de abri-la o suficiente para passar minha cabeça, introduzia uma lanterna^[2], toda fechada, bem fechada, de modo que dela não saía nenhuma luz, e então enfiava a cabeça. Oh, você riria ao ver com quanta astúcia eu a enfiava! Movia-a devagar – bem, bem devagar para não perturbar o sono do velho. Demorava uma boa hora para passar toda a minha cabeça pela abertura, o suficiente para vê-lo deitado na cama. Ah!, seria um louco tão prudente assim? Então, quando minha cabeça estava dentro do quarto, abria a lanterna com cuidado – ah, com tanto cuidado –, muito cuidado (pois as juntas rangiam). Eu a abria, deixando que apenas um único fiozinho de luz atingisse o olho de abutre. E fiz isso durante sete longas noites – todas as noites exatamente à meia-noite –, mas sempre encontrava o olho fechado. E então foi impossível fazer o trabalho; afinal, não era o velho que me atormentava, mas seu olho maldito. E todas as manhãs, quando raiava o dia, entrava audaciosamente no quarto e falava corajosamente com ele, chamando-o pelo nome em um tom cordial e perguntando como passara a noite. Assim você pode perceber que ele teria de ser um velho muito perspicaz para suspeitar que, todas as noites, exatamente à meia-noite, eu o observava enquanto ele dormia.

Na oitava noite, fui ainda mais cuidadoso ao abrir a porta. O ponteiro de minutos de um relógio se move mais depressa do que eu me movia. Jamais antes dessa noite sentira toda a extensão de meus poderes, de minha sagacidade. Mal conseguia conter meu sentimento de triunfo. Pensar que eu estava ali, abrindo a porta devagar, e que ele nem sonhava com meus pensamentos e ações secretas! Dei até uma risadinha diante dessa ideia; e talvez ele a tenha ouvido, pois mexeu-se de repente na cama, como que sobressaltado. Você pode achar que pensei em recuar, mas não. O quarto estava escuro como breu, mergulhado em trevas densas (as venezianas estavam bem fechadas, porque o velho tinha medo de ladrões). Eu sabia que ele não conseguiria ver a porta se abrindo, e continuei empurrando-a cada vez mais, cada vez mais.



Tinha passado minha cabeça e ia abrir a lanterna, quando meu dedo escorregou pelo fecho de estanho, e o velho pulou na cama gritando:

– Quem está aí?

Permaneci completamente imóvel e nada disse. Por uma hora inteira não movi um único músculo, e durante todo esse tempo não o ouvi tornar a deitar-se. Ele continuava sentado na cama escutando – exatamente como eu fizera, noite após noite, escutando os anóbios^[3] na parede.

Então ouvi um leve gemido; sabia que era um gemido de terror mortal. Não era um gemido de dor ou de pesar – oh, não! –, era o som baixo e abafado que saía do fundo de uma alma sobrecarregada de pavor. Eu conhecia bem o som. Muitas noites, exatamente à meia-noite, quando todo mundo dormia, ele escapava de meu próprio peito, intensificando com seu eco pavoroso os terrores que me perturbavam. Conhecia, repito, muito bem esse som. Sabia o que o velho sentia e tinha pena dele, embora meu coração risse. Sabia que estava acordado

desde o primeiro ruído leve, quando se virou na cama. Seus temores só haviam aumentado desde então. Ele tentava convencer-se de que não havia motivo para isso, mas não conseguia. Dizia para si mesmo: “É apenas o vento na chaminé”, “É apenas um rato correndo no chão” ou “É apenas um grilo cricrilando”. É, ele tentava se confortar com essas suposições; mas eram todas inúteis. *Todas inúteis*, porque a Morte, aproximando-se, insinuava-se com sua sombra negra diante dele e envolvia sua vítima. E era a influência fúnebre da sombra despercebida que o levava a sentir – embora não visse nem ouvisse –, o levava a *sentir* a presença de minha cabeça no quarto.

Depois de ter esperado por muito tempo, com muita paciência, sem ouvi-lo voltar a se deitar, resolvi abrir um pouquinho – bem pouquinho – a lanterna. Abri-a – vocês nem podem imaginar quão furtivamente, bem furtivamente – até que, afinal, um único raio pálido, como um fio de aranha, saiu da fenda e alcançou o olho de abutre.



Estava aberto – bem aberto –, e fiquei furioso ao avistá-lo. Eu o via com total clareza – todo azul fosco recoberto por um véu pavoroso que congelava até a medula dos meus ossos; mas não via mais nada do rosto ou da pessoa do velho, pois dirigira o raio, como que por instinto, precisamente ao maldito lugar.



E eu já não lhe disse que o que você considera loucura é, na verdade, uma acuidade excepcional dos sentidos? Pois então chegou aos meus ouvidos um som surdo, rápido, como o de um relógio dentro do bolso. Também me era muito familiar *aquela* som. Era o coração do velho batendo, o que aumentou minha fúria, assim como as batidas em um tambor estimulam a coragem de um soldado.

Mas me contive, de novo, e permaneci sem me mexer. Mal respirava. Segurava a lanterna, imóvel. Tentava manter o raio o tempo todo sobre o olho. Nesse meio-tempo, o tamborilar diabólico do coração aumentou. Tornou-se cada vez mais rápido e, a cada instante, parecia mais alto. O terror do velho devia ser extremo! Soava cada vez mais alto a cada momento que passava! Você está entendendo? Disse que estou nervoso: estou. E então, no meio da noite, em meio

ao silêncio pavoroso daquela casa velha, um barulho instalou em mim o mais incontrolável terror. Por alguns minutos ainda me contive e permaneci imóvel. Mas as batidas tornavam-se cada vez mais fortes, cada vez mais fortes! Achei que o coração ia explodir. E então fui tomado por uma nova angústia: algum vizinho poderia ouvir o barulho! A hora do velho chegara! Urrando, escancarei a lanterna e pulei para dentro do quarto. Ele soltou apenas um grito – só um. Em um instante, derrubei-o no chão e puxei a cama pesada para cima dele. Então sorri, alegre, considerando a minha tarefa praticamente terminada. Mas, por muitos minutos, o coração continuou batendo, abafado. Isso, contudo, não me perturbou; o som não atravessaria a parede. Afinal, cessou. O velho estava morto. Tirei a cama e examinei o corpo. Sim, ele estava morto, morto e acabado. Coloquei minha mão sobre seu coração e a mantive ali por um bom tempo. Não senti pulsação alguma. Estava bem morto. Seu olho não me perturbaria mais.



Se você ainda acha que sou louco, não vai mais pensar assim quando eu descrever as precauções sensatas que tomei para esconder o corpo. A noite se esvaía e trabalhei depressa, mas em silêncio. Antes de mais nada, esquartejei o cadáver. Cortei a cabeça, os braços e as pernas.

Arranquei três tábuas do assoalho do quarto e deposei tudo lá dentro. Então recoloquei as tábuas com tanta habilidade, com tanto engenho, que nenhum olho humano – nem mesmo o *dele* – detectaria algo errado. Não havia nada a lavar – nenhuma mancha de qualquer tipo –, nem mancha de sangue. Fui cauteloso demais. Uma banheira absorvera tudo – ha, ha!

Quando concluí todas essas tarefas, eram quatro horas – ainda estava tão escuro quanto à meia-noite. Quando o relógio deu a hora, ouvi bater à porta da rua. Desci para abrir com o coração aliviado, pois o que poderia temer *agora*? Eram três homens que se apresentaram educadamente como policiais. O vizinho ouvira um grito durante a noite e, suspeitando de algum problema, denunciou à polícia; eles (os policiais) haviam sido enviados para investigar o local.



Sorri, pois o que tinha a temer? Dei boas-vindas aos cavalheiros. Fora eu quem gritara durante um sonho. O velho, mencionei, viajara para o interior. Mostrei toda a casa aos meus visitantes. Convidei-os a procurar, a procurar *bem*. Acabei conduzindo-os ao quarto *dele*. Mostrei-lhes seus tesouros, em segurança, em ordem. No entusiasmo de minha confiança, levei algumas cadeiras para o quarto, pois desejava que descansassem *ali*, enquanto eu, na audácia impetuosa de meu triunfo perfeito, coloquei minha cadeira justamente sobre o local onde

repousava o corpo da vítima.

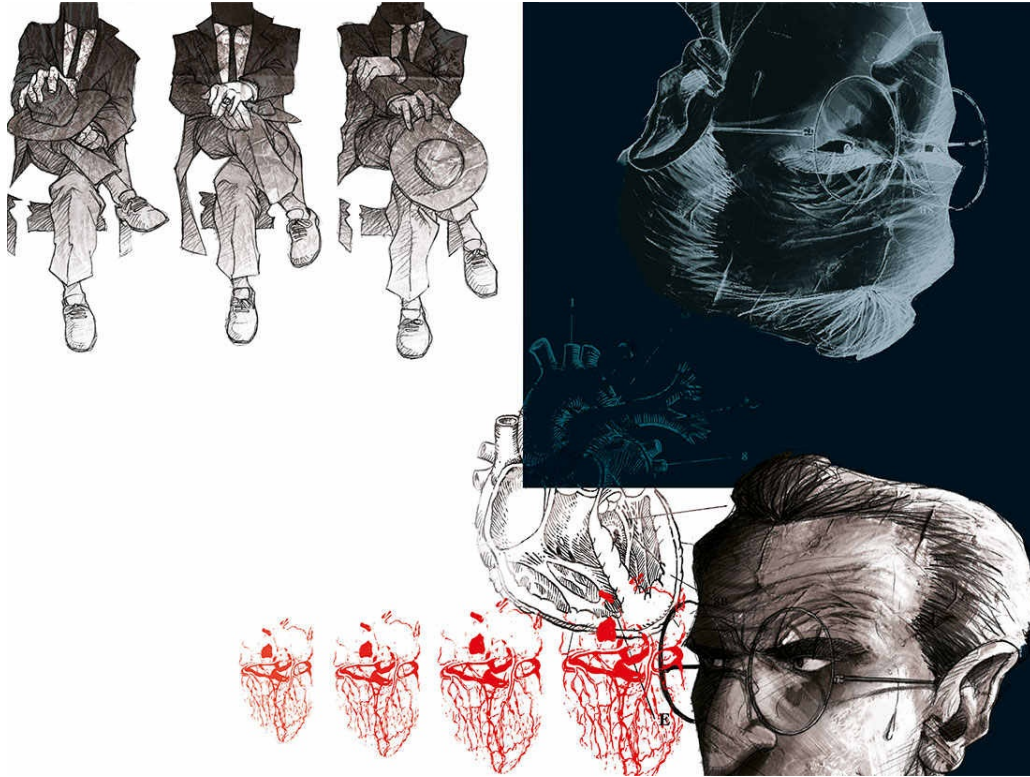


Os policiais mostraram-se satisfeitos. Minha conduta os convencera. Eu estava excepcionalmente à vontade. Sentaram-se e começaram a conversar animadamente; eu participava, contente. Logo, porém, senti que empalidecia e desejei que fossem embora. Sentia dor de cabeça, um tilintar em meus ouvidos; mas eles continuavam sentados, conversando. O tilintar tornou-se mais nítido; persistia e tornava-se mais nítido ainda. Tratei de falar mais para livrar-me daquela sensação; mas ela continuava e definia-se, até que, afinal, descobri que o barulho *não* estava em meus ouvidos.

Não há dúvida de que então fiquei muito pálido; mas passei a falar com mais fluência e num tom mais alto. Assim mesmo, o som aumentava – e o que eu poderia fazer? Era *um som surdo, baixo, rápido – bem parecido com o som de um relógio dentro do bolso*. Eu respirava com dificuldade. Os policiais continuavam não ouvindo. Comecei a falar mais rápido, com mais veemência; mas o som continuava a aumentar. Levantei-me e passei a discutir ninharias, em tom bem alto e gesticulando muito, mas o ruído continuava aumentando. Por que eles *não* iam embora? Andava pesadamente para cá e para lá, como se estivesse furioso com as observações dos homens – mas o ruído continuava aumentando. Oh, Deus!, o que *podia* fazer? Eu espumava, vociferava, insultava! Agitava a cadeira na qual me sentara e arranhava as tábuas, mas o ruído se sobrepunha e continuava aumentando. Aumentou mais – mais – *mais!*

E ainda assim os homens continuavam conversando, rindo e sorrindo. Seria possível que não o estavam ouvindo? Deus poderoso! – Não, não! Eles ouviam! – Suspeitavam! – *Sabiam!* – estavam zombando do meu horror! – Era isso que eu achava e ainda acho. Qualquer coisa era melhor do que aquela agonia! Qualquer coisa era mais tolerável do que aquela zombaria! Não aguentava mais aqueles sorrisos hipócritas! Senti que, se não gritasse, morreria! – e agora – de novo! – ouçam! – mais alto! mais alto! mais alto! *mais alto!*





– Miseráveis! – berrei. – Parem de fingir! Confesso! Arranquem as tábuas! Aqui, aqui! São as batidas de seu coração hediondo!

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Histórias extraordinárias (Ilustrado)" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).